

Sobre *César Tiempo: el poeta de los tres nombres*, de Manuela Fingueret

On *César Tiempo: el poeta de los tres nombres*, by Manuela Fingueret

PAULA ANSALDO

Licenciada em Artes pela Universidade de Buenos Aires (UBA), Argentina.

Resenha de: FINGUERET, Manuela. *César Tiempo: el poeta de los tres nombres*.

Buenos Aires: Capital Intelectual, 2014. ISBN: 978-987-614-431-5

Tradução de Rafael Bán Jacobsen

Manuela Fingueret (1945-2013), escritora e jornalista argentina, revisa, em seu livro póstumo *César Tiempo: el poeta de los tres nombres*, a vida e a obra do escritor judeu-argentino César Tiempo. Editado pela Capital Intelectual, o livro faz parte da coleção “Paisanos”, que busca destacar a contribuição de reconhecidos integrantes da comunidade judaica ao país. Até o momento, foram editados oito trabalhos, entre os quais se incluem obras sobre a vida de Alberto Gerchunoff, Jorge Guinzburg, Blackie, Marshall Meyer, César Milstein, Jaime Yankelevich e Boris Spivacow.

Em *César Tiempo: el poeta de los tres nombres*, Fingueret faz uma revisão da biografia do autor, mas não no sentido convencional do termo, tanto que não elabora uma cronologia baseada no que ela considera como detalhes desnecessários e datas, mas sim transita por momentos e aspectos de sua vida escolhidos com a intenção de que sejam reveladores da personalidade do autor e nos permitam compreender melhor sua obra. Pretende, nesse sentido, que os capítulos se abram “como um caleidoscópio, para que cada leitor ajuste as cores desse homem ao seu modo” (FINGUERET, 2014, p.11). Apresenta-nos, assim, a Tiempo como um personagem fascinante, cheio de matizes e contradições, com forte sentimento de pertencimento judaico e argentino a uma só vez, dois aspectos que definiam sua identidade intensamente e em razão dos quais Fingueret o define como um dos exemplos mais representativos dos primeiros escritores judeu-argentinos que escreveram em castelhano e que “permanecem como um símbolo emblemático do que significa a paixão de abraçar com amor – e também com conflitos – uma identidade nacional que então estava se formando” (FINGUERET, 2014, p. 9-10).

Desse modo, os feitos mais relevantes de sua vida se apresentam atravessados pelos temas que o obcecavam: o sábado judaico, o *guetto* portenho, o antissemitismo, a importância das origens e sua rejeição àqueles que se desentendiam com elas. Aparecem também acompanhados das vozes daqueles que o conheceram, cujos testemunhos vão proporcionando diferentes perspectivas que nos permitem ir construindo sua singular imagem.

A edição, por sua vez, inclui uma série de fotografias, desenhos e cartazes do seu teatro, e uma breve cronologia que dá conta dos acontecimentos mais relevantes de sua vida.

No primeiro capítulo do livro, intitulado “Vida”, a autora repassa os momentos iniciais da biografia de Tiempo, começando com seu nascimento em 1906, na Ucrânia, e sua chegada à Argentina antes de completar um ano de idade. Aborda sua relação com o pai, Gregorio Zeitlin, que admirava e de quem dizia ter herdado sua abertura política; e sua precoce iniciação no mundo do trabalho, aos sete anos, primeiro como ajudante em uma farmácia, logo depois em um juizado e finalmente ao lado do grande editor Manuel Gleizer, por meio de quem ingressou no mundo dos livros.

O capítulo se detém no casamento com Elena Itzcovich em 1936 e no nascimento de seus três filhos: Blanca, Víctor César e Enrique Martín. Destaca também suas viagens e estadias no estrangeiro como adido cultural da embaixada argentina em Bruxelas, além de suas travessias pela Índia e pela Europa, que o marcaram fortemente.

Nesse trecho são evocadas pela primeira vez as vozes dos que dele se recordam, começando por personagens da cultura judaico-argentina, como Eliahu Toker e Cipe Lincovsky, os quais contam anedotas que ajudam a ilustrar diversas facetas de sua personalidade.

O capítulo seguinte intitula-se “Obra”. Nele, a autora destaca os principais marcos da vasta produção do autor. Começa seu inventário com *Versos de una...* (1926), livro de poemas que César Tiempo publicou com sob o heterônimo de Clara Beter e no qual expôs a terrível situação das prostitutas judias e a situação intolerável a que estavam submetidas. Em seguida, destaca o poemário *Sabado-mingo* (1937), no qual Tiempo homenageia o bairro judeu e seus habitantes. No âmbito da escrita

teatral, detém-se na obra *Pan Criollo* (1937), na qual o autor problematiza o conflito de integração dos imigrantes judeus na Argentina, denunciando a idealização da miscigenação de raças, que concebia não como algo que “integra nas diferenças, mas sim que as funde para apagar diversidades” (FINGUERET, 2013, p. 46), e pela qual recebeu o Prêmio Nacional de Teatro em 1937.

Nesse capítulo, aborda a relação de Tiempo com o Grupo Boedo, do qual participava, e a oposição ao Grupo Florida. Desenvolve, também, sua aproximação com o peronismo, especialmente durante o primeiro governo de Perón, por conta da qual permaneceu filiado como peronista já desde o golpe de estado de 1955. Isso o impediu de desempenhar seu trabalho jornalístico e literário até 1973, quando assumiu a presidência Héctor Cámpora, que lhe propôs dirigir o Teatro Cervantes, cargo que conservou até o novo golpe, em 1976.

Do mesmo modo que o anterior, o capítulo finaliza com uma seção chamada “Miradas”, em que a autora registra uma série de impressões sobre Tiempo oferecidas por seus filhos, seus amigos e diversos intelectuais que o conheceram e com ele interagiram.

O capítulo seguinte, denominado “Arrabal”, trata da fascinação que o autor sentia por Buenos Aires e sua cultura. Sua participação na Academia de Lunfardo, seu amor pelos bares portenhos e pelo tango, que o levou inclusive a se aventurar na escrita de letras para canções.

No capítulo “Universo”, a autora propõe questionamentos sobre o material contido nos arquivos bibliográficos de César Tiempo, que incluem cartas, manuscritos, diários e recortes, doados à Biblioteca Nacional em 1996. A partir da leitura desses arquivos, reconstrói as influências que a obra de Tiempo sofreu daqueles outros escritores e intelectuais que ele admirava, tais como Rafael

Cansinos Assens, Jean Groffier, Jorge Isaacs, Lázaro Liacho, Alessandro Fersen, Leopoldo Marechal, Andre Spire.

Por último, no capítulo “Póstumos”, recorda algumas das palavras ditas por seus amigos na inauguração de sua lápide no cemitério judaico de Linières, um ano depois do seu falecimento.

Visto com os olhos de Fingueret, César Tiempo nos aparece como um personagem fundamental da literatura e do teatro argentino, um intelectual de peso, cuja obra ainda não foi suficientemente estudada. O livro, desse modo, resulta numa porta de entrada para a vida e a obra de um autor plurifacetado, que possuía uma intensidade tal que, em vez de um, precisou de três nomes para chamar a si mesmo.¹

NOTA

1 Aqui a autora se refere aos nomes Israel Zeitlin (nome de família do escritor), César Tiempo (seu nome artístico) e Clara Beter (heterônimo com que assinou seu primeiro livro).